

DOI: 10.20911/21799024v13n2p29/2022

A realização humana a partir da coextensividade do espírito humano no contexto sociocultural atual

Dulcinea Dirce Salgado Mattar¹

Resumo: A caminhada humana traz questões em termos da realização enquanto ser humano no sentido de encontrar a vida ética, a liberdade autônoma, a verdade, o bem, a justiça, a beleza. Ao longo da história da filosofia esta questão foi abordada e reflexões profundas uniram Antropologia Filosófica, Ética Filosófica e Metafísica no sentido de indicar a possibilidade de um caminho. Num contexto sociocultural de controvérsias, crises vindas da modernidade, capitalismo neoliberal globalizado, sociedade de controle, domínio por paranótipos digitais, o ser humano se encontra imerso na imanência e eclode em conflitos internos buscando sentido na existência. Autores mostram que a coextensividade intencional do espírito humano (transcendência) entende a dimensão última ou suprema e o ser humano se realiza na relação de intersubjetividade, de alteridade com o outro, apresentando uma possibilidade de mudança do contexto.

Palavras-chave: Coextensividade do Espírito. Metafísica. Ética. Antropologia Filosófica. Lima Vaz. Crise da Modernidade.

Abstract: The human walk brings questions in terms of fulfillment as a human being in the sense of finding ethical life, autonomous freedom, truth, goodness, justice, beauty. Throughout the history of philosophy this issue has been approached and deep reflections have united Philosophical Anthropology, Philosophical

¹ Cirurgiã Dentista formada pela USP, especialista em Gerontologia Social, Saúde Coletiva, Odontogeriatria, membro da Academia Mineira de Odontologia cad. Nº3, Escritora, Graduanda em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia FAJE.

Ethics and Metaphysics in order to indicate the possibility of a path. In a socio-cultural context of controversies, crises arising from modernity, globalized neoliberal capitalism, a society of control, domination by digital paratypes, the human being finds himself immersed in immanence and erupts in internal conflicts seeking meaning in existence. Authors show that the intentional coextensivity of the human spirit (transcendence) understands the ultimate or supreme dimension and the human being is realized in the relationship of intersubjectivity, of otherness with the other, presenting a possibility of changing the context.

Keywords: Coextensivity of the Spirit. Metaphysics. Ethics. Philosophical Anthropology. Lima Vaz. Crisis of Modernity.

Introdução

A civilização ocidental passa por uma revolução profunda e silenciosa, há quase dois séculos, com repercussões sobre o psiquismo e comportamento humano. A crise se agrava paulatinamente e o ser humano adoecido, imerso no sistema capitalista, ignora o perigo que o cerca. Autores mostram a possibilidade da cura humanística pela mudança do indivíduo, ao encontrar a dimensão última na transcendência e assim tornar-se um ser humano livre e ético, relacionando-se com o outro e com o mundo, pautado no bem e na verdade.

Com o objeto de avaliar e fundamentar a tese acima, faço uma explanação em três passos: 1. A crise da sociedade contemporânea – o ser humano imerso na imanência; 2. Antropologia, Metafísica e Ética se interceptam e 3. O sentido transcendente da existência humana.

Visto que cabe a Filosofia refletir sobre a essência e existência humana no tempo histórico, meu estudo busca compreender a possibilidade da realização humana a partir da coextensividade do espírito humano no contexto sociocultural atual, como esperança para o futuro.

1. A crise da sociedade contemporânea – o ser humano imerso na imanência

O neoliberalismo surge nos anos 30 como uma doutrina econômica. Nas décadas posteriores torna-se cada vez mais onipresente como interpretação sobre o lugar e a importância do mercado econômico na sociedade. Finalmente, chega-se à concepção contemporânea onde o neoliberalismo é compreendido como uma forma radical do capitalismo que tende a absolutizar o mercado financeiro. “Nessa absolutização, o mercado financeiro se converte em meio, método e fim de todo comportamento humano, subordinando a vida das pessoas (seus corpos e suas psiques), o comportamento das sociedades e a política dos governos aos seus ditames” (cf. RIBEIRO, acesso 2022).

Em “Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas do poder”, Byung-

-Chul Han fala da sociedade digital de controle que faz uso intensivo da liberdade com exposição pessoal sem coerção (paranótipos digitais: mídias e redes sociais). Há hiper informação e hiperconsumo e o sujeito neoliberal é um sujeito de desempenho, de otimização, de produtividade, escravo do sistema. (CHUL HAN, 2020, p.10-13). Segundo ele, o poder neoliberal é o capitalismo do curtir, é sutil, inteligente, busca agradar em vez de oprimir (Ibid., p. 53), emprega emoções para alcançar mais produtividade e desempenho, trabalha para estimular os desejos para consumir mais porque cria as necessidades. (Ibid., p. 24,27,60-66). É espaço de jogo na imanência. O Big-Data é conhecimento movido por dados e o Dataísmo renuncia aos sentidos, é niilista. (Ibid., p. 23,79,82). Assim, o sujeito sai de sua sujeição também pela experiência e há um controle psicológico. "O plano da imanência, ao qual ele tem acesso, é matriz de dessubjetivação e da despsicologização." (Ibid., p. 105,117). Segundo o autor, o Covid-19 é "O vírus capitalista do cansaço", vivemos a sociedade do cansaço, pela compulsão de realização levando o sujeito a doenças, depressão, o esgotamento, o *Burnout*, sintomas de profunda crise na liberdade. É um sinal patológico e indica que a liberdade de hoje, muitas vezes, acaba virando compulsão (Ibid., p.18).

Já no regime neoliberal da autoexploração, a agressão é dirigida contra si mesmo. Esta autoagressividade não converte o explorado em revolucionário, mas em depressivo (CHUL HAN, 2020, p. 16).

Elton Ribeiro comenta a crítica de Byung-Chul Han ao regime neoliberal da forma como emprega nossas emoções, sentimentos e desejos como recursos para mais produtividade e desempenho. Para Chul Han, o neoliberalismo, como mutação do capitalismo, converte o trabalhador em empreendedor, assumindo cada um o controle de sua vida para fazê-la produzir cada vez mais. Somos pessoas extremamente ocupadas com uma infinidade absurda de atividades que visam a um mesmo fim: tornar-nos empreendedores de nós mesmos. O sujeito que se pensava livre e autônomo, é na verdade, um explorador de si mesmo. Fica claro como as novas técnicas de poder e controle social funcionam. "Assim, as novas restrições ao parecerem voluntárias, parecem naturais e geradas pela própria liberdade" (cf. RIBEIRO, 2022).

"Uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e democrática prevalece na civilização industrial desenvolvida, um testemunho de progresso técnico", segundo Marcuse, e os meios de informação em massa encontram pouca dificuldade em fazer aceitar interesses particulares como se fossem de todos os homens sensatos. O julgamento das necessidades e sua satisfação envolve padrões de prioridade que se referem ao desenvolvimento ótimo de todos os indivíduos sob a ótima utilização dos recursos naturais e intelectuais à disposição do homem. A racionalidade tecnológica revela seu caráter político ao se tornar grande veículo de melhor dominação, criando um universo verdadeiramente totalitário no qual sociedade e natureza, corpo e mente se subjugam (MARCUSE, 1973, p.13,23,27, 37).

Para Markus Gabriel o neoliberalismo global se converteu em um modo rápido de destruição. Segundo ele, estamos metidos numa crise de valores,

acentuada pela do Covid-19, que infectou nossa economia. Em tempos de crise, a solidariedade e cooperação não funcionam, apenas o mercado tem voz. O curso da crescente disseminação das mídias sociais deixou visível que a história não conduziu a avanço moral-jurídico. “Frente a pilha gigantesca de problemas afetando todos os âmbitos da sociedade, o que devemos, afinal, fazer?” (GABRIEL, 2022, p.10-13).

Assim a humanidade vive um momento importante de sua história. O capitalismo neoliberal globaliza o mundo com força expressiva no comportamento humano como vimos acima. Resulta numa crise ética, moral, social, política e espiritual e a pandemia do Covid-19 agravou este contexto trazendo à tona as crises da nossa sociedade. O *ethos* que rege a vida ética se transforma, assim surge um novo imaginário social e ético. As redes sociais levam o ser humano cada vez mais no em-si-mesmo, o progresso utilitarista leva ao individualismo, ao hedonismo. Aceleraram-se as diferenças e há falta de sentido na existência. Desta forma, é importante compreender e refletir o caminho que a humanidade será conduzida e, principalmente, o que a filosofia tem a dizer sobre tudo isto.

2. Antropologia, Metafísica e Ética se interceptam

O tema homem é uma questão trans histórica, coextensiva da cultura e na civilização ocidental aparecem diversos paradigmas conceituais sobre o homem. A Antropologia Filosófica intersecta a Metafísica e a Ética e toma o homem como seu objeto na questão: “o que é o homem”? O objeto da Antropologia Filosófica é o homem enquanto sujeito, enquanto ser-sujeito. A modernidade caracteriza-se pela cisão entre “o mundo da vida” e o “mundo da razão”, as imagens de homem e as teorias científicas sobre o homem. E a Antropologia Filosófica coloca-se na linha de reflexibilidade metafísica, como discurso portanto sistemático e aberto pois, é a expressão sempre atual do homem enquanto ser que realiza o seu si mesmo. (Ser-no-mundo, Ser-com e Ser-a-si – fundamento ontológico da própria existência do homem). Estrutura-se com um vir-a-ser, como um movimento de reflexibilidade polarizado pelo Transcendente (Outro absoluto, concebido como unidade totalizante). A experiência que o homem tem de si mesmo como sujeito é atravessada por uma intencionalidade universal. Assim, o homem enquanto ser sujeito é um movimento dialético de supressão, o sujeito lógico revela-se em sua significação plena como sujeito ontológico. E a Ética se coloca, neste nível de compreensão, como a metafísica da vida, e neste movimento de transcendência o sujeito empírico encontra a sua autorrealização como sujeito ético. Torna-se assim, sujeito universal com um bem agir ético, virtuoso, realizando-se pela liberdade autônoma deste encontro com o Bem Supremo, a Verdade, o conhecimento último, o fim a que todos caminhamos. Assim, segundo Lima Vaz, a tradição filosófica no que diz respeito a concepções do homem, tomam-no como ser universal, reflexo ou receptáculo intencional de toda realidade. É a imagem clássica do microcosmos que reflete o cosmo, a universalidade do homem que Platão fala do “parentesco” da alma com as ideias, e Aristóteles como o “ser de todas as coisas” que compete a alma. Na filosofia

moderna esta ideia de universalidade está presente no Cogito de Descartes, no a priori do entendimento de Kant, no Espírito em Hegel onde se encaminha o desenvolvimento dialético da natureza, no “ser genérico” de Feuerbach e em sua transposição dialética pelo materialismo histórico. E os modelos antropológicos conservam a ideia do *homem universal*, mas a ideia da universalidade e centralidade do homem em relação à natureza e a sua utilização mostra-se cada vez mais problemática em face do progresso, da enorme diversificação e crescimento das ciências da natureza e do próprio homem. Assim as antropologias filosóficas contemporâneas concebem o homem como um *ser pluriversal* (na representação de sua situação em face a realidade, os vetores que circunscrevem o lugar ontológico do sujeito – reflexão sujeito realidade – vetores irradiam; no homem universal – convergem). (Para Paul Ricoeur- pensamento e ação, como também para André Jacob). Assim o homem pluriversal se abre em diversas direções: o metafísico, o ético, o social, o natural, o lógico e o fundamental (LIMA VAZ, 2014, p. 154 -156).

É o paradoxo do ser que, ao interrogar-se a si mesmo, irradia sua interrogação a todas as dimensões do Ser (LIMA VAZ, 2014, p.156).

3. O sentido transcendente da existência humana

A Antropologia Filosófica na obra de Henrique Vaz delineia a figura conceitual do SER do homem segundo sua estrutura e segundo suas relações com os outros seres. Enquanto finito é necessariamente um ser de relação. Ele se manifesta nas três categorias: relação de objetividade (ser-no-mundo), relação de intersubjetividade (espírito-no-mundo) e relação de transcendência (ser-para-a-transcendência-suprassunção da finitude real ao dar conteúdo objetivo da sua infinitude intencional. Funda o seu ser-no-mundo e o seu ser-com-o-outro, ou seja, o seu ser-em-situação).

As categorias de estrutura são: espírito, psiquismo e corpo. Estrutura e relações são duas categorias que se opõem dialeticamente: ser-em-si (ipseidade) e ser-para-outro (alteridade) e unidade (ser-para-transcendência) vivendo a vida segundo o espírito.

Como o homem não tem intuição intelectual de si mesmo não pode apreender-se em sua unidade e totalidade, só o faz através da delimitação de uma região de objetividade (limitação eidética - corpo), a forma categorial exprime sua unidade sistemática. E como é um sujeito transcendental-ontológico irreduzível a qualquer determinação objetiva por ser tensionado à infinidade do ser (ilimitação tética – espírito), é atravessado pela negatividade, pela oposição que leva a um movimento dialético de suprassunção da pluralidade num discurso sistemático. Assim o discurso totalizante exprime-se: determinação formal-objetiva do ser do sujeito em sua finitude e a abertura transcendental do sujeito ao ser em sua infinitude. Assim, numa forma Totalizante temos que a estrutura bio-psíquica do homem (corpo, psiquismo, espírito) é suprassumida no Espírito, que exprime o ser homem como estruturalmente aberto; as relações objetivas

e intersubjetivas do homem são suprasumidas na Transcendência, que exprime o ser homem como abertura para o absoluto (objetividade, intersubjetividade, transcendência); a unidade do homem enquanto auto-realização é o ato de supressão das categorias de estrutura e relação que exprime o homem como essência estruturalmente livre (Espírito) e irreduzivelmente relacional (transcendência), como espírito livre vocacionado ao Absoluto (LIMA VAZ, 2014, p. 159).

Segundo Lima Vaz o ser humano está manifestando-se, expressando-se. A sua autoexpressividade é buscar sua realização (unificação) e autoconhecimento como pessoa (unidade) surgindo uma identidade pessoal profunda (*ipseidade*). O ser humano é uma Natureza (dado) original e diferente e assim surge o Sujeito (espírito), e a Forma como sujeito ético. Cabe, ao procedimento sistemático da Antropologia Filosófica coordenar estes três polos sem que se desequilibrem em favor de um deles à ordem sistemática do discurso. O objeto do discurso sistemático é o homem, que é também sujeito portanto importante a compreensão espontânea e natural que o homem tem de si mesmo, formando uma imagem de si mesmo, dentro de uma tradição cultural (estilo de vida – *ethos*). As Formas (conceitos) exprimem um aspecto da realidade, ou seja: da experiência moral enraizada no mundo do *ethos*. A forma de *existência* ética a mais significativa autoexpressão de nosso ser (LIMA VAZ, 2014, p. 160).

O ser humano é naturalmente um ser moral, há uma virtualidade que o leva à busca do Bem, realizando-se como liberdade e razão, assim há a personalidade ética constituída (LIMA VAZ, 2015, p. 22-23).

Elton Ribeiro, em “Reconhecimento ético das virtudes”, investiga o universo simbólico da sociedade contemporânea e a dinâmica da intersubjetividade ética, na herança filosófica de Aristóteles e Hegel na ótica de três filósofos Lima Vaz, MacIntyre e Taylor. Falando de MacIntyre, argumenta que todo seu projeto “se funda no esforço interpretativo de compreender o papel das comunidades como lugares nos quais deve nascer e amadurecer as virtudes, dentro de uma tradição, que constituem um caminho de vida boa para o ser humano”. (RIBEIRO, 2012, p.10). “É a realização da própria vida orientada pela razão prática”, a obra humana por excelência segundo Lima Vaz, conclui ele (RIBEIRO, 2012, p.186).

“A prática ética só pode ser justificada em razão a uma ciência da prática que tenha como princípio e fundamento uma metafísica do Bem” e o esquecimento da subjetividade conduz ao niilismo metafísico e ético. E diante da falta de sentido que inquieta o ser humano, Lima Vaz propõe a *memória do ser* (releitura dialética da metafísica de Tomaz de Aquino), para superar o niilismo e encontrar sentido para o existir e agir humanos. E surge “a pessoa absoluta”, o *Ser absoluto* que se constitui como condição de possibilidade da experiência do ser como unidade dinâmica de essência e existência. Ao perguntar pelo próprio ser se descobre Ser aberto à verdade, ao perguntar pelo agir, ele se descobre Ser aberto ao horizonte do Bem (OLIVEIRA, C.R.M., 2013, p. 12,15,18).

Para Puntel a metafísica propriamente dita contém duas teorias: a Ontologia que é a teoria dos entes, teoria da totalidade dos entes contingentes e da conexão de todos os entes, parte da grande teoria do Ser em si mesmo e em seu

todo; e a Einaílogia ou Metafísica Primordial, que é a teoria do Ser em si mesmo, além da ontologia. O Ser primordial é compreendido em sua singularidade como ser (características imanentes) e em sua qualidade de abranger simplesmente tudo. A Einaílogia é a dimensão originária que abrange a dimensão do sujeito cognoscente (subjetividade) e da realidade, do objeto (objetividade). Para ele a filosofia compreende o fundamento religioso a partir do espírito humano intencionalmente coextensivo com o Ser em seu todo. O homem entende sua posição no universo e entende esta como inteligência suprema derradeira e vontade suprema derradeira. E entende a partir de si mesmo a dimensão última ou suprema que é a referência central da religião (OLIVEIRA, M., 2020, p. 485). Para ele o ser humano se manifesta como realidade material orgânica (corpo orgânico contingente) que constitui o pressuposto da consciência, da autoconsciência, da intersubjetividade humanas. E ainda o “espírito humano” ou “inteligência” enquanto faculdade de referência ao mundo ilimitado, abrangente que diz respeito à vontade e à consciência/autoconsciência como constituintes absolutamente necessários do ser humano (OLIVEIRA, M., 2020, p. 479). Assim compete ao ser humano como ser espiritual uma “coextensividade intencional” com o universo ou com o Ser que abrange tudo. Há portando, segundo Puntel, uma unidade fundamental que subjaz à distinção entre ser humano e mundo. O ser humano é paradoxal: é portador de uma determinação biológica de um lado (corpo) e por outro, está para além de qualquer determinação, transcende a esfera do imediato (espírito). Daí a grandeza ontológica específica do ser humano e seu lugar no universo. Ele se revela como o ente capaz de se distanciar de tudo pela reflexão, inclusive de si mesmo e pode tomar tudo como seu objeto, inclusive a si mesmo (semanticamente na esfera da verdade). O ser subjetivo se revela coextensivo com o todo, inserido no todo, sendo a esfera da revelação da inteligibilidade universal (dimensão universal da subjetividade). Não pode ser reduzido a puro meio por ser o ponto de referência do universo (OLIVEIRA, M., 2020, p. 480). Puntel, citado por Manfredo, diz:

O espírito subjetivo desvela o espírito objetivo, a racionalidade do sujeito detecta a racionalidade de todo ente, recebe o conteúdo inteligível de tudo (OLIVEIRA, M., 2020, p. 480).

O círculo do espírito é oníabrangente, se encontra em tudo que encontra já que tudo lhe é inteligível (unidade). Com isto o ser espiritual, à medida que transcende tudo é “eu livre” o que constitui a condição de relacionamento com os entes. O ser subjetivo afirmando-se como ser espiritual, como conhecimento (inteligência: ser para a verdade, para o acolhimento do ser) e liberdade (vontade: ser para o bem, para o valor, para o consentimento do ser) e só se compreende adequadamente enquanto correlação com o outro (intersubjetividade- alteridade). O Ser Supremo – Deus – é a inteligência suprema e a vontade suprema (OLIVEIRA, M., 2020, p. 481-483).

Considerações finais

Puntel brilhantemente elucida o caminho da realização humana ao explicitar como a filosofia compreende o fundamento religioso a partir do espírito humano intencionalmente coextensivo com o Ser em seu todo.

Carl Rogers, preocupado com as bases filosóficas da Psicologia, desenvolveu a Abordagem Centrada na Pessoa, as abordagens psicológicas são enriquecidas na compreensão e reflexão da experiência humana através de conceitos filosóficos ligados ao movimento humanista, existencial e fenomenológico. Para ele, “ser o que se realmente é” é efetivar no sujeito a potencialidade que ele tem para ser melhor, engajado na descoberta de ser plenamente ele mesmo, descobrindo que ser esse processo em si mesmo é capacidade de crescer e transformar. Lao-Tsé disse há mais de 25 séculos atrás: “A maneira de agir é ser”, confiança no ser humano quando funciona livremente e a qualidade existencial de uma vivência satisfatória. (cf. ROGERS, 2017). E Rogers nos indica um caminho para cura da humanidade, a possibilidade de uma forma de vida autêntica e livre com responsabilidade, assumindo a autodireção da sua própria vida e do seu comportamento.

O ser humano é um ser em processo, em movimento, dinâmico, em construção, nunca passível de ser esquematizado redutivamente e possuidor de recursos para superar as condições existenciais adversas. É detentor de um poder sobre as determinações que o afetam, tem autonomia crescente numa relação intersubjetiva e dialógica. Isto é uma visão ética, onde a ética aqui é enfatizada como uma postura onde o ser humano não é tratado de modo utilitário, mas como possuidor de um valor próprio e inalienável (BEZERRA, 2012, p. 25).

O desafio da realização humana, segundo Álvaro Pimentel, consiste em que cada ser humano assuma sua condição finita na tensão de suas relações, no enigma humano “torna-te o que és”. Sua essência singular somente se realiza na existência relacional, com relações justas. Assim, a união entre essência e existência delineia-se: o Absoluto como ideal do ser realizado, sempre visado na existência, ou seja, harmonizar a realidade segundo a inteligibilidade da Verdade e amabilidade do Bem (PIMENTEL, p. 223,224, 225).

Concluindo, o sentido transcendente da existência humana com o humanismo teocêntrico proposto por Padre Lima Vaz é itinerário para a realização plena do homem tanto pessoal como social. A tradição filosófica também nos indica um caminho principalmente a contribuição do paradigma platônico-aristotélico-tomista e Lima Vaz, recria essa tradição de modo dialético, organizado com a ideia do homem como auto-expressividade, no agir ético dos indivíduos e na comunidade (HERRERO, 2012, p. 393).

Segundo Lima Vaz, o ser humano é um paradoxo, possui uma abertura ao infinito e ao mesmo tempo uma abertura à objetividade, por ser um espírito finito. No curso das civilizações o movimento de transcendência exprime uma das experiências mais profundas e decisivas do homem permitindo, teoricamente, o manifestar do Ser no mundo, da essência na existência, do Eu Sou no mun-

do. É o ser universal, o ser pluriversal, cuja existência ética, constitui a mais significativa autoexpressão de ser (LIMA VAZ, 2014, p. 156), um ser humano naturalmente um ser moral, com virtualidade pela presença do Bem, realizando-se como liberdade autônoma e razão (a personalidade ética constituída) (LIMA VAZ, 2015, p. 25).

O homem pluriversal de Lima Vaz traz consigo a rede de relações numa realização ética e moral. É o *amor* e a bondade suprema mudando o comportamento humano. O homem não é capaz de humanizar o capitalismo, mas só este homem pluriversal poderá fazer surgir uma sociedade solidária e verdadeiramente livre. É pela liberdade que o homem é capaz de examinar seu passado e projetar um futuro melhor, segundo Kant. Somente a interiorização trará cura para estas mazelas humanas sendo esta, a *esperança* para o futuro da humanidade e a *fé* guia o caminho.

Bibliografia

BEZERRA, M. E. *Aspectos Humanistas e fenomenológicos presentes na Abordagem Centrada na Pessoa*, Rev. NUFEN [online] v.4, n.2, julho-dezembro, 21-36, 2012, <https://www.academia.edu>, acesso em: 07/12/2022.

CHUL HAN, B. *Picopolítica- O neoliberalismo e as novas técnicas do poder*. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyné, 2020, p. 10-13,18,23,24,27,53,60-66,79,82,105,107.

GABRIEL, M. *Ética para tempos sombrios: Valores Universais para o século XXI*, Tradução Lucas Machado, RJ, Petrópolis: Vozes, 2022, p. 10-13.

HERRERO, J. J. *A Ética Filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz*; Síntese Revista de Filosofia, v. 39 n. 125, 2012, p. 393-432.

LIMA VAZ, H. C. *Antropologia Filosófica. Volume I*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 153-156.

LIMA VAZ, H. C. *Introdução à Ética Filosófica 1- Escritos de Filosofia IV*, São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 7-28.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial, O homem unidimensional*, trad. REBUÁ, G. Rio de Janeiro: Zakar Editores, 1973, p. 13, 23,27,37.

OLIVEIRA, C. M. R. *Metafísica e ética*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 13, 15,18.

PIMENTEL, A. M., OLIVEIRA, C.R.M (org.). Realização humana e a afirmação do absoluto: Lima Vaz diante do drama da modernidade, cap.13 in: *O que torna uma vida realizada*, Porto Alegre: RS, Editora Fi, 2020, p. 12,15,18.

OLIVEIRA, MANFREDO A. D. *A nova Metafísica e a Compreensão da Religião*, Síntese, Belo Horizonte, v.47, n.149, p.469-501, Set./Dez. 2020 p. 477-486.

RIBEIRO, E. V. *Reconhecimento ético e virtudes*, São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 10, 186.

RIBEIRO, E. V. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as técnicas do poder*, Palavra & Presença, <http://faculdadejesuita.edu.br>; Acesso em: 07/12/ 2022.

ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.